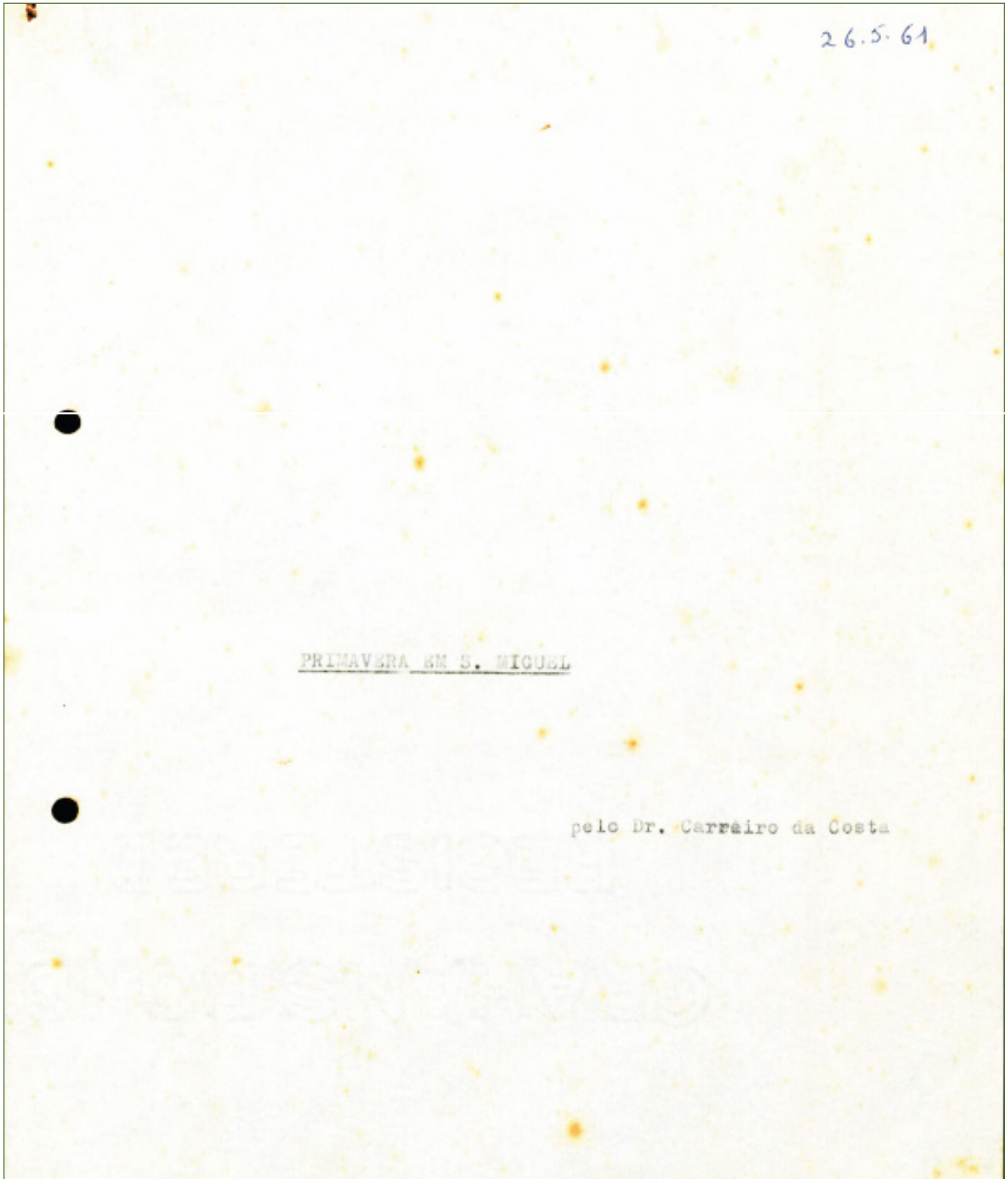




Sobre a Primavera em São Miguel, proferiu Francisco Carreiro da Costa, a 26 de Maio de 1961, ao microfone do Emissor Regional dos Açores, a palestra que se segue:



PRIMAVERA DE S. MIGUEL

Agora que a Primavera se faz sentir por toda a parte, agrada, na verdade assistir à presença da mesma, não só na cidade mas também ao longo dos povoados e dos campos.

E não só se poderá dizer que, naquela como nestas, a formosa estação não marca devidamente a sua presença, na cidade - e de um modo especial - através das árvores, porque infelizmente os seus jardins são pobres de flores; nos campos, através das culturas e das flores silvestres, atapetando as encostas e abrindo-se por forma admirável por bermas e atalhas.

Mesmo sem transpormos os limites da cidade, podemos, na verdade, sentir a Primavera através principalmente das árvores e de todos os demais elementos vegetais que, aqui e ali, dão ao bairro uma nota de beleza e de frescura.

Com efeito, à parte os repuxos verdes de quantas palmeiras emprestam um ar mediterrânico a certas praças e jardins da nossa cidade e à parte, ainda o caso especial desse autêntico museu vegetal que é o velho jardim António Borges, mostra-nos Ponta Delgada ângulos tais que, mesmo vistos da rua, nos encantam e extasiam.

Assim, por exemplo, a nave imponente de velhos ulmeiros que se ergue ao longo da Alameda do Helvêo - admirável conjunto que é mister conservar, como um dos mais saudáveis e aprazíveis monumentos que já conta mais de meio século. Não só os ulmeiros que aí se alinham, mas sim também a mancha rubra das canas índicas que se alastram pelos largos canteiros laterais. Assim, por exemplo, a tristeza lírica dos chorões que se avistam através das grades do cemitério dos Ingleses e a sugestão romântica do Jardim Berquó de Aguiar onde algumas espécies exóticas se sucedem e reflectem no espelho do lago.

Na Rua Margarida de Chaves, a um canto do jardim fronteiro ao Palacete Aguiar, ergue-se uma imponente tília argêntea que é um dos mais formosos exemplares do género que conhecemos em toda a área da cidade.

Mais adiante e depois de relancearmos o olhar pelo horto cuidado do mosteiro de Santo André e pela depauperada brussonécia que em frente da Igreja do Colégio teima em ocultar uma melhor perspectiva do vetusto templo, chegamos ao jardim Antero de Quental. Aí, são as robinhas ainda em flor, os chorões em feitos pirotécnicos, uma corónea de magnífico porte, os euvónimos pintalgados de verde e amarelo, os tulpeiros em botão, os agapantos em começo de floração, etc., que nos refrescam os olhos, os pulmões, o coração, a alma.

Depois, lá estão as rendas verdes dos cicómoros engalanado os muros brancos dos campos ajardinados do Liceu... No largo dos Mártires da Pátria, novas robinhas ainda em flor e altas araucárias, estas de uma monumentalidade impressionante, dão-nos de novo ensejo para sentirmos a presença da Primavera.

Os pessegueiros e as amendoeiras do Jardim Sena Freitas conduzem-nos a lembranças algarvias e, no Campo de São Francisco, depois de havermos transposto o túnel vegetal da Avenida Ivens, temos fatalmente de nos descobrir ante o milagre do velho metrozôdico que ali se ergue como um autêntico monumento.

E caso tudo isto não basta para sentirmos a Primavera dentro da cidade, há que anotar ainda o parque Dinis da Motta, a Avenida Príncipe de Mónaco com a longa teoria dos seus plátanos e os cuidados canteiros de quantos pequenos jardins se sucedem pelo Bairro da Vitória e pela Alameda Gaspar Frutuoso.

Mas, para melhor sentirmos, ainda, as delícias da Primavera, temos de transpor os muros da cidade e percorrer o mais da terra micailense. Com essa digressão, ainda que rápida, acabaremos por concordar

que a ilha de S. Miguel é, na verdade, um autêntico jardim.

A confirmá-lo, aí estão não a suas os cuidados quintais das cascas rurais e os muros recobertos de frescas trepadeiras, mas ainda as matas, os vinhedos os pomares, as bermas das estradas, as pastagens, os valados e as ribeiras onde as folhas tenras e as flores crescem pela graça mística divina sem que os homens nem os animais se conspurquem com a sua presença.

Nos quintais, são o mal-me-querer e os goivos, as "palmas" e as ervilhas-de-cheiro, as flores mais estimadas. Nas matas, o cheiro dos incenseiros em flor é a nota predominante de presença desta quadra de encanto. Sobre certos moais, alastram-se as rosas bravas, todas brancas e mídas, abrindo-se e desfolhando-se numa vida efêmera que nos convida à meditação.

Mais adiante, sobre muros arruinados e como deliciosos pragas, são as chagas que se derramam nos mais surpreendentes tons de amarelo, parecendo posar para o primeiro aguarelista que venha a passar. Também amadas, por entre os rebentos dos incenseiros, das acócias e dos eucaliptos, figuram os jarros brancos semelhante ófilos de jaspe na ensaia de serverem toda a maravilhosa claridade destas manhãs de Maio.

Ainda nas mesmas matas-nos recantos menos cuidados e mais precisamente ao longo dos leitos secos das ribeiras - são as lantanas que polvilham de "mil-coras" porque, na verdade, elas sugerem mil tonalidades com as suas "florzinhas" aos cachos.

Mas, se ao longo das matas, nós temos o ensejo de admirar as mais belas e mimosas flores espontâneas, ao longo dos campos e das bermas a jornada não nos é menos agradável. As papoilas, por entre os trigos e as junças, são pingos de sangue que contrastam com o mais por forma enternecedora.

Os pimpilhos, por seu turno, todos abertos e doirados, dão-nos a ideia de que todas as estrelas do céu houvessem querido vir para a

Terra, caindo do alto para nos fazerem companhia. As serranhas, em flor, mostra-se, por igual modo, dignas de contemplação. Os cardos, soberbando em altura, do mais das plantas, com suas flores lilazes, que lembram ginófito de artista, emprestam, por sua vez, encanto especial à certos tufoes verdes, tanto nos valados como nos atalhas.

A par de tudo isto, por caminhos e canadas, espalha-se a fragância incomparável das laranjeiras em flor, enquanto mais acima, nas verturas mais altas, a tapeçaria inconfundível das pastagens ansia por cobrir as gaxit grotas e as lombas.

Barcos, pois, e por modo admirável a sua presença, nesta quadra que vai decorrendo, a sempre tão desejada primavera - estação que consegue varrer dos céus agorrios e as névoas, mesmo mais leves e os torna lavados, lítos e azuis para as o céu doire melhor paisagem.

E que, se de uma maneira geral, todas as quatro estações do ano deixam na panorâmica insular sinais inconfundíveis da sua paisagem, a Primavera apresenta-se como a autora lenta mas firme das mais encantadoras páginas de beleza, tais são os diversos recantos desta terra de S. Miguel.

Tem, pois o visitante muito que ver e apreciar por estradas e campos da Ilha do Arcação durante os xxxxx meses que ora decorrem, altura em que a Primavera enche tudo de claridades, de cores e de aromas.

PRIMAVERA EM S. MIGUEL

Agora que a Primavera se faz sentir por toda a parte, agrada, na verdade assistir à presença da mesma, não só na cidade, mas também ao longo dos povoados e dos campos.

E não só se poderá dizer que, naquela como nestes, a formosa estação não marca devidamente a sua presença. Na cidade – e de um modo especial – através das árvores, porque infelizmente os seus jardins são pobres de flores; nos campos, através das culturas e das flores silvestres, atapetando as encostas e abrindo-se por forma admirável por bermas e atalhos.

Mesmo sem transpormos os limites da cidade, podemos, na verdade, sentir a Primavera através principalmente das árvores e de todos os demais elementos vegetais que, aqui e além, dão ao burgo uma nota de beleza e de frescura.

Com efeito, à parte os repuxos verdes de quantas palmeiras emprestam um ar mediterrânico a certas pracetas e jardins da nossa cidade e à parte, ainda o caso especial desse autêntico museu vegetal que é o velho jardim António Borges, mostra-nos Ponta Delgada ângulos tais que, mesmos vistos da rua, nos encantam e extasiam.

Assim, por exemplo, a nave imponente de velhos ulmeiros que se ergue ao longo da Alameda do Relvão – admirável conjunto que é mister conservar, como um dos mais saudáveis e aprazíveis monumentos que já conta mais de meio século. E não só os ulmeiros que aí se alinham, mas sim também a mancha rubra das canas índicas que se alastram pelos largos canteiros laterais. Assim, por exemplo, a tristeza lírica dos chorões que se avistam através das grades do cemitério dos Ingleses e a sugestão romântica do Jardim Berquó de Aguiar onde algumas espécies exóticas se sucedem e refletem no espelho do lago.

Na Rua Margarida de Chaves, a um canto do jardim fronteiro ao Palacete Aguiar, ergue-se uma imponente tília argêntea que é um dos mais formosos exemplares do género que conhecemos em toda a área da cidade.

Mais adiante e depois de relancearmos o olhar pelo horto cuidado do mosteiro de Santo André e pela depauperada brissonécia que em frente da Igreja do Colégio teima em ocultar uma melhor perspectiva do vetusto templo, chegamos ao jardim Antero de Quental. Aí, são as robínias ainda em flor, os chorões em efeitos pirotécnicos, uma corízia de um magnífico porte, os euvónimos pintalgados de verde e amarelo, os tulipeiros em botão, os agapantos em começo de floração, etc., que nos refrescam os olhos, os pulmões, o coração, a alma.

Depois, lá estão as rendas verdes dos sicómoros engalanando os muros brancos dos campos ajardinados do Liceu... No Largo dos Mártires da Pátria, novas robínias ainda em flor e altas araucárias, estas de uma monumentalidade impressionante, dão-nos de novo ensejo para sentirmos a presença da Primavera.

Os pessegueiros e as amendoeiras do Jardim Sena Freitas conduzem-nos a lembranças algarvias e, no Campo de São Francisco, depois de havermos transposto o túnel vegetal da Avenida Ivens, temos fatalmente de nos descobrir ante o milagre do velho metrozídoro que ali se ergue como um autêntico monumento.

E caso tudo isto não baste para sentirmos a Primavera dentro da cidade, há que anotar ainda o parque Dinis da Mota, a Avenida Príncipe de Mónaco com a longa teoria dos seus plátanos e os cuidados canteiros de quantos pequenos jardins se sucedem pelo Bairro da Vitoria e pela Alameda Gaspar Frutuoso.

Mas, para melhor sentirmos, ainda, as delícias da Primavera, temos de transpor os muros da cidade e percorrer o mais da terra micaelense. Com essa digressão, ainda que rápida, acabaremos por concordar que a ilha de S. Miguel é, na verdade, um autêntico jardim.

A confirmá-lo, aí estão não apenas os cuidados quintais das casas rurais e os muros recobertos de frescas trepadeiras, mas ainda as matas, os vinhedos, os pomares, as bermas das estradas, as pastagens, os valados e as ribeiras onde as folhas tenras e as flores crescem pela graça divina sem que os homens nem os animais se conspurquem com a sua presença.

Nos quintais, são os malmequeres e os goivos, as “palmas” e as ervilhas-de-cheiro, as flores mais estimadas. Nas matas, o cheiro dos incenseiros em flor é a nota predominante de presença desta quadra de encanto. Sobre certos moais, alastram-se as rosas bravas, todas brancas e miúdas, abrindo-se e desfolhando-se numa vida efémera que nos convida à meditação.

Mais adiante, sobre muros arruinados e como deliciosa praga, são as chagas que se derramam nos mais surpreendentes tons de amarelo, parecendo posar para o primeiro aquarelista que venha a passar. Também as matas, por entre os rebentos dos incenseiros, das acácias e dos eucaliptos, figuram os jarros brancos semelhando cálices de jaspe na ânsia de sorverem toda a maravilhosa claridade destas manhãs de maio.

Ainda nas mesmas matas – nos recantos menos cuidados e mais precisamente ao longo dos leitos secos das ribeiras – são as lantanas que polvilham de “mil-cores” porque, na verdade, elas sugerem mil tonalidades com as suas “florzinhas” aos cachos.

Mas, se ao longo das matas, nós temos o ensejo de admirar as mais belas e mimosas flores espontâneas, ao longo dos campos e das bermas a jornada não nos é menos agradável. As papoilas, por entre os trigos e as junças, são pingos de sangue que contrastam com o mais por forma enternecedora.

Os pampilhos, por seu turno, todos abertos e doirados, dão-nos a ideia de que todas as estrelas do céu houvessem querido vir para a Terra, caindo do alto para nos fazerem companhia. As serralhas, em flor, mostram-se, por igual modo, dignas de contemplação. Os cardos, sobressaindo em altura, do mais das plantas, com suas flores lilases, que lembram pincéis de artista, emprestam, por sua vez, encanto especial a certos tufos verdes, tanto nos valados como nos atalhos.

A par de tudo isto, por caminhos e canadas, espalha-se a fragância incomparável das laranjeiras em flor, enquanto mais acima, nas terras mais altas, a tapeçaria inconfundível das pastagens anseia por cobrir as grotas e as lombas.

Marca, pois, e por modo admirável a sua presença, nesta quadra que vai decorrendo, a sempre tão desejada primavera – estação que consegue varrer dos céus açorianos as nuvens, mesmo mais leves e os torna lavados, altos e azuis para que o sol doire melhor a paisagem.

É que, se de uma maneira geral, todas as quatro estações do ano deixam na panorâmica insular sinais inconfundíveis da sua paisagem, a Primavera apresenta-se como a autora lenta mas firme das mais encantadoras páginas de beleza, tais são os diversos recantos desta terra de S. Miguel.

Tem, pois o visitante muito que ver e apreciar por estradas e campos da Ilha do Archanjo durante os meses que ora decorrem, altura em que a Primavera enche tudo de claridades, de cores e de aromas.